

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 36

FREI EVARISTO P. ARNS, O.F.M.

Por que Escolas Católicas?



1960

EDITORA VOZES LIMITADA

Petrópolis RJ

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PETRÓ-
POLIS, FREI DESIDÉRIO KALVERKAMP,
O. F. M. PETRÓPOLIS, 12-10-1960.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

PREFÁCIO

Depois de havermos lançado o Caderno N° 5 *Liberdade de Ensino* da série «Vozes em Defesa da Fé», achamos necessário propor aos leitores católicos o modo de melhor se servirem desta liberdade, a saber, criando escolas católicas e amparando as que já existem.

Dirigimo-nos unicamente a pessoas persuadidas de que o educando possui uma alma imortal, criada por Deus, para uma felicidade ultraterrena. O divino Mestre nos advertiu, com clareza insofismável, de que nada adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a sofrer prejuízo em sua alma.

Não criticamos as escolas não católicas. Elas talvez dêem o melhor de si para enriquecer as inteligências de seus educandos. Afirmamos porém, com decisão e energia, que nós queremos mais. Os bons católicos querem que em suas escolas «mestres, programas, livros em tôdas as disciplinas, sejam orientados pelo espírito cristão, sob a direção e vigilância maternal da Igreja Católica, de modo que a religião seja de fato fundamento e coroa de tôda a instrução, em todos os graus, não só no elementar, mas também no médio e superior» (Pio XI).

ÍNDICE

PREFÁCIO	3
--------------------	---

I. FUNDAMENTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA

1. A Escola de Jesus	5
2. A Experiência da Igreja	8

II. A PEDAGOGIA CATÓLICA

1. Programas Escolares	14
2. Deus na Educação	15
3. Roteiro da Educação Católica	18

III. CRISES MODERNAS E A EDUCAÇÃO CATÓLICA

1. Imoralidade	30
2. Desonestidade	31
3. Anarquia	32

IV. CRIANÇAS CATÓLICAS QUE NÃO FREQUENTAM ESCOLAS CATÓLICAS

1. Aconselhar-se	35
2. Frequência às Aulas de Religião	36
3. Ação Católica	37
4. Transferência para Escolas Católicas	38
5. Novas Escolas	39

I. FUNDAMENTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA

1. A Escola de Jesus

"Vós me chamais Mestre e Senhor.
E dizeis bem: porque deveras o sou" (Jo 13, 13).

Jesus veio ao mundo para ensinar, mas ensinar a verdade tôda.

Abriu a primeira escola para os mais pobres, em plena noite de Natal, no seio da própria natureza. Os alunos aí foram os pastôres que aprenderam a lição da vida: só terá paz quem, apesar da pobreza, conserva a boa vontade. Ser bom para todos, ouvir a voz do além, mesmo que se tenha de guardar os rebanhos para os que dormem.

Depois, vieram os ricos, os magos. Também para eles Jesus teria uma orientação a dar, contanto que não confiassem seus problemas às influências políticas. Os magos de fato deixaram o palácio de Herodes para ir à procura da cabana da criança pobre. Depois de se despojar da riqueza (ouro), da glória (incenso) e aceitar as agruras da terra (mirra), Deus lhes mostrou o caminho de volta, para sua verdadeira Pátria.

Quantas lições deu Cristo na oficina de Nazaré. A principal foi certamente aquela que toca o mundo operário: Conheceu o divino Mestre tôda a monotonia de um trabalho feito com as mesmas ferramentas, a mesma qualidade de tábuas, e a mesma equipe de traba-

lho. Todos os dias, o serrote, rangedor, conservava a frieza cruel, a madeira a teimosia e os fregueses as exigências e a insatisfação. Lia Jesus nos corações dos homens de então e de hoje, para dizer-lhes: apesar de tudo, é possível guardar a ternura para com a família e a conformidade com o destino que Deus traçou, desde que se ganhe o pão no suor do rosto, sem deixar nascer o rancor no coração.

* * *

Chegou a hora de formar novos mestres, que ensinassem sua doutrina e seu modo de vida. Jesus não parece preocupar-se em selecionar os discípulos. A dois que o procuraram, convidou-os «vinde e vêde» a minha escola; a outros que pescavam atraiu-os prometendo promoção: da pesca de peixes passariam para a pesca de almas; ao cobrador de impostos fez devolver as taxas excessivas. Veio o simplório Natanael e o despachado que conhecemos pelo nome de Filipe. Jesus aceitou o aluno de quem previu o fracasso da traição, Judas, ao lado daquele que se lhe ia dedicar de corpo e alma nos momentos mais críticos da paixão e morte, João, filho de Zebedeu, o futuro Evangelista.

A formação começou pelo aspecto mais vituperado e mais exaltado da vida humana, no casamento de Caná. Jesus não só prestigiou, diante de seus discípulos, a formação do núcleo fundamental da sociedade, mas ensinou àqueles que iam «abandonar pai, mãe, espôsa e filhos por seu nome» — aos futuros sacerdotes e religiosos — a defender o prestígio e as alegrias cotidianas do lar. Fez ainda o milagre de transformar água em vinho, para que a festa continuasse sem maledicência, e o casal, depois da lua-de-mel, confiasse na água e no poder de Deus.

As lições da escola de Jesus foram, tôdas elas, práticas. O método, indutivo.

As parábolas são histórias, baseadas na experiência da pesca, da lavoura, da vida animal e das relações humanas. Mas já que o mundo visível é apenas um espe-

lho do céu, da morada definitiva, Jesus foi ensinando aos futuros mestres do povo a não serem mais crianças que arranham o espelho no esforço inútil de arrancar dêle as flôres e os frutos que só deverão «receber no tempo oportuno». Ensinou-lhes pelo espelho a verem «a imagem das coisas que deverão vir», ensinou-lhes a fé na palavra e na obra do Pai do céu.

Quando a doutrina se tecia de máximas e as enumerações se tornavam imprescindíveis, Jesus as organizava em número de sete, às vêzes de três ou de dez. S. Mateus no-las conservou assim e os demais evangelistas também não ocultam a técnica do Mestre.

Suas palavras eram vida. Imprimiam-se com o olhar, o timbre de voz, com expressão vigorosa. Falava «como quem possui autoridade». Deviam reconhecê-lo todos. Caso as crianças não o aclamassem, gritariam as pedras em sua homenagem; caso os curados não exaltassem o poder de Deus, os demônios o exaltariam, apoderando-se até de porcos.

Diante do Mestre Jesus dividiam-se os espíritos. Os que eram apenas «carne e sangue», materialistas, tentavam eliminá-lo. «Passará esta geração», profetiza para êles Cristo, «mas não passarão minhas palavras».

Na manhã em que desciam juntos da montanha, o Mestre e os discípulos, êstes tiveram o pressentimento de que havia um modo superior de valorizar a vida na terra: entrando em contacto com o Senhor da vida e dos homens. «Mestre, ensina-nos a rezar», pediram-Lhe êles.

Jesus, naquela hora, resumiu tôdas as orações que se fizeram e se farão, tanto por causa das misérias como por causa das grandes aspirações humanas. De fato, pelos sete pedidos do *Pai-Nosso*, a alma confessa não lhe ser possível resolver, sòzinha, os problemas da vida. Do último pedido ao primeiro sobe o gemido de um corpo maltratado pela dor tão familiar — quantos males existem! — e pelo desejo mais puro de unir-se a Deus.

A lição mais dura foi a do sofrimento: Cristo começou devagar, como todo professor que conhece os limites de seus pupilos. Foi durante uma viagem a Jerusalém, viagem sempre cheia de expectativas: «começou a manifestar a seus discípulos que tinha de sofrer muito...» Pedro, líder recém-nomeado, chamando Jesus à parte, interpretou o mal-estar da classe: «Não queira Deus que isso suceda». Desta vez, o Mestre, sempre tão paciente, se tornou enérgico. Impressionou o discípulo apostrofando-o com a frase que Adão, no doce enleio do pecado, não teve a força de arremessar à serpente: «Vai-te embora, diabo!» Ei-lo o ensinamento: como o pecado de Eva e Adão trouxera o sofrimento do corpo e da alma, assim as dores da alma e do corpo podem restituir-nos as alegrias do Paraíso. Jesus, o novo Adão, ia permitir que se plantasse uma nova árvore, uma cruz, à vista de todo o mundo, no alto do Calvário. Nela iria circular tôda a seiva da dor humana, desde aquela da mãe que dá à luz na dor até a do velho, prêso à sua cadeira de rodas ou a seu catre de percevejos, abandonado e desconhecido. Mas a árvore da Cruz ostentaria o fruto da vida. Debaixo desta árvore estaria de novo a mulher para apanhá-lo, Maria Santíssima, a convite do «Filho do Homem», nela enroscado, quase como a serpente antiga.

Essa última lição os discípulos só a compreenderam com a vinda do Espírito Santo: aliás a primeira aula do primeiro discípulo de Jesus no dia de Pentecostes há de ter como assunto a Cruz e seu fruto, a ressurreição.

2. A Experiência da Igreja

Como em todos os bons institutos de formação os professores devem submeter-se a estágios práticos, assim também na escola de Jesus.

Ainda antes de terminar sua atividade em meio aos discípulos, enviou-os Jesus, dois a dois, para anunciarem o Reino de Deus. Acompanhou-os com os conse-

lhós e deu-lhes assistência. Esta primeira missão apostólica encheu os rudes pescadores de entusiasmo e alegria. Após a experiência, Cristo os levou para um lugar solitário e ficou a sós com êles.

A formatura, a missão definitiva, iria dar-se no dia de Pentecostes. Para que o mundo porém soubesse e para que os sucessores dêstes primeiros mestres tivessem a garantia de estarem marcados pela missão de ensinar, Jesus levou-os dez dias antes ao alto de uma montanha. Era a última reunião do professor com a turma: os conselhos mais importantes aí foram recapitulados, visando o futuro. O cenário inspirava: do alto do morro desvendava-se o panorama mundial, todo banhado pela luz da onisciência do Mestre. Na iminência de deixá-los, Jesus lhes deu a ordem, não apenas a possibilidade, de serem mestres: «Ide, ensinai a todos os povos... ensinando-lhes a guardar tudo o que vos tenho ensinado. E eis que convosco estarei até a consumação dos séculos».

O Apóstolo, seja êle leigo ou sacerdote, jamais esquecerá esta cena!

Quando, para todo o futuro, algum aluno do Mestre Jesus receber ordem de calar-se, ou de fechar sua escola, há de responder sempre o que S. Pedro respondeu às autoridades judaicas: «Não podemos deixar de anunciar aquilo que vimos e ouvimos» (At 4, 20).

Como a atividade do Mestre começara pelas bodas de Caná, a educação cristã se faria, essencialmente, pela Família. Os apóstolos davam as primeiras instruções e batizavam o novo discípulo de Jesus; a Família cristã encarregava-se em seguida de formá-lo pela doutrina e pela prática. Para todo o sempre, a Igreja respeitará o direito primordial da Família e seu imperioso dever de ministrar a formação da nova prole. Se não o puder a família natural, fá-lo-á a família espiritual ampliada, a comunidade cristã. Reserva-se outrossim a Igreja, desde os primórdios, a autoridade de insistir na jerarquia dos valores educativos: a alma e o corpo, nu-

ma harmonia que se não pode romper, aspiram à sobrevivência eterna. E a partir desta eternidade, as coisas recebem sua devida apreciação.

Cresceu, porém, de maneira inesperada, a Família cristã. Corria a Igreja o perigo de tornar-se massa popular sem fibra nem convicções. Os homens vinham a ela trazendo não só o adorno mas também o lastro das ciências profanas. Como falar de igual para igual, como discutir princípios de filosofia, sem formação profana e filosófica?

O primeiro esforço de abrir uma escola estável para ensino sistemático da Filosofia, foi feito por S. Justino, no próprio coração da Igreja, em Roma. Por longos anos, reuniu em torno de si os discípulos e para eles comparava os sistemas filosóficos e os ensinamentos religiosos dos judeus e dos pagãos. Era uma escola em que se ensinava filosofia e não apenas religião. A verdade cristã porém, saía sempre engrandecida. Seria temerário afirmar que esta escola da primeira metade do segundo século tenha sido a primeira escola cristã, porque todo o bom discípulo de Jesus, onde quer que esteja, não pode deixar de ensinar. A novidade consistia em sentirem os cristãos, já no início, a necessidade de abordar assuntos que não fôsem puramente religiosos, pelo simples motivo de eles se transformarem em armas contra a religião, quando ensinados por profanos e adversários.

De fato, assim aconteceu que doutos e sábios viessem conhecer Jesus através de seus discípulos. Não admira que no maior centro de estudos e pesquisas sistemáticas da antiguidade, em Alexandria, encontremos, no início do século III, verdadeiro instituto cristão de estudos superiores: Orígenes, o genial líder cristão, aí aprofundava com seus alunos os conhecimentos da geometria, literatura, filosofia, para subir gradativamente até à rainha de todas as ciências, até à teologia, conhecimento de Deus.

Apesar disso, as famílias cristãs não hesitavam em mandar os filhos para as escolas públicas, suprimindo em casa e nas reuniões dominicais a formação religiosa. Alarimou-os no entanto a nova orientação dada pelo imperador Juliano (361-363) a todo o ensino imperial. Se anteriormente as escolas eram religiosas, agora o Estado lhes impunha a ideologia pagã, além de se reservar o monopólio do ensino. As escolas públicas paginizavam as crianças. A reação não se fez esperar. Apesar de não prevenidos, com manuais forjados da Bíblia e de versos clássicos, os professores cristãos tentaram fazer de suas escolas os baluartes da espi-ritualidade e moralidade.

Pelo mesmo tempo, S. Basílio, no Oriente, abre escolas técnicas, S. Jerônimo propõe um programa de ensino para a juventude de Roma, S. Ambrósio reúne jovens em internato, S. Agostinho escreve manuais para catequizar os rudes e difundir a cultura cristã. A ciência cristã, em todo o vasto Império chega a iluminar de novo esplendor a cultura profana, valorizando as jóias da antiga literatura e filosofia. A Bíblia, que ia sendo atrofiada e falseada por herdeiros dos místicos pagãos, tornou-se o livro de pesquisa para os maiores gênios do tempo; o estudo da natureza e da psicologia humana preparam a ascensão da alma para o encontro com seu Deus.

S. Bento, representante do espírito cristão e herdeiro da cultura clássica, prepara seus monges, os beneditinos, para conservarem — além do «opus Dei», culto divino — as descobertas e os documentos da cultura antiga. Em torno dos mosteiros hão de abrir-se escolas, onde meninos inteligentes, pobres e ricos, poderão haurir cultura e religiosidade.

A nova pesquisa, iniciada com os mouros da Espanha, vai encontrar por sua vez novas formas de vida religiosa, para valorizar, nos estudos superiores da Igreja, a filosofia de Aristóteles e Platão. Dominicanos e franciscanos, do século XIII em diante, rivalizarão no

ensino das primeiras Universidades do mundo. E' o Papa quem incentiva a criação de institutos superiores de ensino, em Bolonha, Paris, Oxford, Colônia e outros lugares. Tanto o Direito e as Artes, quanto a Teologia, vêem no Papa o maior Mecenaz.

Mesmo através da Renascença, que parece a muitos como uma volta ao paganismo, a publicação de documentos e as construções e embelezamentos pela pintura e escultura se fizeram sob o patrocínio e às expensas dos Papas. Se em alguns lugares houve verdadeiras apoteoses do paganismo, todo o homem culto sabe que na Itália o movimento começou com um Dante, poeta e teólogo; séculos depois, o classicismo francês celebrará a virtude cristã através de um Racine e Corneille; o gênio cristão espanhol se pereniza por um Cervantes e Lope de Vega. E, na Inglaterra, em fase tão crítica, um Shakespeare celebra o universalismo, só explicável pelo humanismo cristão; afinal, em terras lusitanas, Camões, com fausto mitológico, celebra o gênio português conquistando terras para Cristo.

Apesar de todo o delírio naturalístico de um Rousseau e do veneno sublimado de um Voltaire, nem mesmo a Revolução francesa triunfa da escola cristã. Foi preciso um decreto do totalitário imperador Napoleão para secularizar a Sorbonne — por seis séculos universidade cristã; — foi preciso um Auguste Comte, para circunscrever a curiosidade dos estudiosos à natureza controlável pelos sentidos; foi preciso um Darwin para reduzir o homem a simples animal evoluído; foi preciso um K. Marx, para fazer de toda a força econômica um instrumento de luta pelo poder terreno; foi afinal preciso o alheamento do homem de seu destino verdadeiro, para levar-nos à situação do ensino laicista do século XIX.

De toda a luta, anunciada pelo Mestre Jesus, a escola cristã sairá renovada. Não só se fundaram, nos séculos XIX e XX, sociedades educativas, congregações de irmãos, padres e religiosas, mas o Catolicis-

mo em péso apela para a luz de Cristo, quando o mundo se desorienta no caos da política.

Até nos países protestantes, como na América do Norte, a ação da Igreja se desenvolve com uma pujança que lembra o vigor do Cristianismo primitivo. Basta citar como exemplo o decreto de 1884, promulgado pelos Bispos dos Estados Unidos, quando o ateísmo começou a ameaçar as escolas públicas: «Junto a toda igreja, onde ainda não existir escola paroquial, ela deve ser erigida no prazo de dois anos, a partir da promulgação dêste Concílio, e deve ser mantida para sempre».

Os mestres que Cristo enviou devem dirigir-se ao mundo todo, atingir a humanidade inteira. Por isso a Igreja é católica, quer dizer universal e abrirá suas escolas para todos os que quiserem conhecer a doutrina de Jesus. Caso, porém, os cristãos frouxos e os não católicos fizerem guerra às nossas escolas, Jesus tornará a rezar só em favor dos que lhe ficam fiéis, como rezou na última ceia: «Pai, guarda em Teu nome os que me deste. Não rogo pelo mundo mas por aqueles que me deste, pois são teus» (Jo 17, 9).

Quem se exclui, voluntariamente, do ensino da Igreja, se exclui da própria ação e oração de Jesus.

Se de um lado a fundação de escolas católicas parece assumir o caráter defensivo, de outro lado significa conquista do mundo e do Homem para Deus. E já que o próprio Cristo comparou a Humanidade com a massa e seus discípulos com o fermento, as escolas que se abrem em nome de Jesus deverão ser o fermento que aos poucos leveda a massa.

E' o que nos interessará nos parágrafos seguintes.

II. A PEDAGOGIA CATÓLICA

1. Programas Escolares

O Estado, como guardião do Bem Comum, tem o direito de prescrever o mínimo de instrução que devem possuir todos os cidadãos. As escolas por êle reconhecidas prescreve aliás um programa minucioso e, por ora ainda, demasiadamente pesado para o desenvolvimento do educando.

Quanto aos programas, as escolas católicas se sujeitam ao Estado como as demais. O direito eclesiástico impõe até aos seminários a obrigação de manterem um nível de instrução igual ou superior ao dos demais institutos de mesmo grau no País. Seria, portanto, contrariar a mentalidade da Igreja se algum Colégio Católico, sob pretêxto de formação religiosa, não atingisse o nível exigido pelas leis do País. Agiriam contra a própria Lei divina, uma vez que reconhecemos nas leis justas do País a expressão da vontade de Deus de quem promana tôda autoridade.

Seria portanto discussão estéril e odiosa aquela que quisesse comparar os rendimentos escolares de colégios particulares e públicos, católicos ou não católicos. Conforme a eficiência do professorado atingem tanto êstes quanto aquêles o padrão mais elevado ou o mínimo. Apontamos apenas como vantagem em nosso favor o fato de os professores e os alunos trabalharem por dever de consciência e não pelo simples anseio de darem ou possuírem diplomas. Acresce que nos institutos católicos o contrôle é duplo: da parte da

inspeção escolar do Estado e da parte dos superiores religiosos. Se, nos últimos anos, tôdas as Ordens e Congregações religiosas foram pressionadas, pela população e pelas autoridades, a expandir a rêde escolar além da medida de suas fôrças, isso se deve ao dinamismo do crescimento brasileiro. Seria no entanto grave injustiça não reconhecermos o esforço individual e coletivo do professorado católico para aperfeiçoar-se, participando em os cursos de férias e nas demais oportunidades de formação e aprimoramento. Sintomático é o fato de dois terços dos estudantes de Didática — portanto, dos que no próximo ano assumirão o magistério — cursarem Faculdades livres, na maioria católicas.

Portanto o ensino nas escolas católicas não é em nada inferior ao das escolas públicas. Mas, em caso de igualdade, por que a Igreja obriga seus filhos a se formarem nas escolas por ela criadas? Porque as outras eliminaram de seu programa o ponto mais essencial de tôda a educação, o conhecimento de Deus.

2. Deus, na Educação

Durante séculos foi pacífico ser Deus a meta de tôda a vida humana, e por conseguinte também de tôda a formação para a vida. As escolas ensinavam religião e por ela se orientavam. Nas Universidades, a Teologia, ciência de Deus, era a cúpula de todo o sistema. A mais célebre Universidade americana, o Harvard College, obedecia à lei promulgada em Massachusetts, no ano de 1654: «Para que de modo especial se promova o bem-estar dêste Estado e a juventude seja educada não só na boa literatura, mas também na sã doutrina, esta Côrte entrega o assunto à séria consideração e especial carinho dos supervisores do Colégio e dos representantes das cidades; de maneira a não se admitir ou tolerar continue no cargo ou cadeira de professor, educador e instrutor da juventude ou infância do Colégio ou das escolas, todo aquêlê que se tenha mani-

festado herético na fé ou escandaloso na vida e não haja prestado o devido respeito aos ensinamentos de Cristo».

Por que então foi Deus excluído das escolas ou ignorado em grande número delas?

O fato se deu sobretudo após os meados do século XIX, embora o movimento tenha sido preparado no século anterior. Em 1859, Charles Darwin publicava seu famoso livro *The Origin of Species* (A Origem das Espécies), colocando em lugar de Deus, Criador e Conservador do Universo, a teoria do evolucionismo. O mundo seria um simples resultado da evolução, sem intervenção de Ser Supremo. A teoria foi divulgada em suplementos dominicais e desceu para assunto de conversa à mesa e nos cafés. Algumas Universidades apoderaram-se dela para ridicularizarem a Bíblia, o livro sagrado da Revelação divina. Chegaram a classificar a Sagrada Escritura como repertório de elementos folclóricos. Dentro de algum tempo, os professores, influenciados ou formados por tais Universidades, se envergonhavam de falar de Deus, da alma, do céu e inferno. A consequência foi esta: crianças católicas e protestantes passavam cinco ou seis dias da semana num mundo sem Deus e sem fé. As instruções dominicais eram demasiadamente rápidas e a tradição cristã pouco esclarecida para fazerem frente a um ataque tão sistemático e tão generalizado das idéias ateístas.

Acresce que ninguém vive sem Deus. Quando procura abandonar a casa paterna do Deus verdadeiro, a saudade por um Ente Supremo obriga o homem a entrar num templo de ídolos. O educador é o primeiro a forjar para si ou a descobrir tal substitutivo de Deus. Como diz J. Maritain: «Cada educador venera uma divindade. Para Spencer foi ela a natureza; para Comte, a humanidade; para Rousseau, a liberdade; para Freud, o sexo; para Durkheim e Dewey, a sociedade; para Wundt, a cultura; para Emerson, o indivíduo». Trocam-se termos; adotam-se doutrinas me-

nos exigentes «que agradem aos ouvidos», como pre-disse S. Paulo. Por exemplo, em vez de falarem da teologia contentam-se com o humanismo. Se no início humanismo exprime o cultivo do corpo e da alma imortal, aos poucos se restringirá à esfera puramente psicológica; em seguida, o estudo da alma deslocará seu fulcro para o da fisiologia; quando se derem conta, só mais reconhecem os foros da biologia ou quiçá do mecanismo. O homem, filho de Deus e participante da natureza divina, se verá reduzido a simples animal ou máquina.

Nesta hora surgirão os reformadores escolares propondo novos sistemas, para afastarem a «tristeza que pesa sobre o coração de toda a filosofia meramente natural» (William James). A América do Norte, donde recebemos nos últimos trinta anos a torrente mais poderosa do materialismo, permitiu a um Horace Mann — aliás mal compreendido na juventude — que banisse a instrução religiosa das classes; Charles Eliot ignorou o sobrenatural; William James colocou em lugar dele, como meta do ensino, a eficiência, o lado prático; afinal John Dewey entronizou o seu novo deus, a sociedade, de quem promulgou o grande mandamento: «Thou shalt live in and for and by society». (Hás de viver na e para e pela sociedade). Não perceberam porém esses homens que, ao negarem o Deus Criador, já não podiam apelar para a personalidade humana, nem para a igualdade e a liberdade, porque já não havia quem defendesse o homem mais fraco contra o homem mais forte.

Ao eliminarem os mandamentos de Deus, os pedagogos estabeleceram a base da sociedade sobre convenções humanas. Não adiantava mesmo ensiná-las aos alunos, porque não seriam válidas quando saíssem das escolas. Puro relativismo.

Sem Deus não há garantia de direitos; sem alma não há liberdade. Sem direitos nem liberdade, já não haverá sociedade, mas grupos que se defendem e atacam.

3. Roteiro da Educação Católica

Ideal Cristão. A juventude não vive sem ideal. Se não descobre veredas que conduzam ao alto, há de derramar-se pela planície na procura anárquica do que satisfaça seu anelo pelo infinito.

Por isso mesmo, Deus, desde a hora em que os homens renunciaram ao Paraíso, lhes propôs o ideal do Messias, do Salvador. Advertido e reanimado pelos Profetas, Israel se preservou da decadência geral.

Para os cristãos, Jesus há de reaparecer, em tôdas as idades, como mestre insubstituível. Se tôdas as palavras d'Ele e todos os Seus gestos têm sentido pedagógico e salvador, os educandos hão de captar sobretudo uma atitude e uma doutrina fundamental:

A atitude de quem passou pela terra «fazendo o bem». Com destemor, diante das autoridades e diante do povo, a despeito do fachadismo e da demagogia, realizava Jesus Seus propósitos e cumpria Sua palavra. Aquêles que o espreitavam nas esquinas das ruas e nas rodas dos amigos não levantaram o desafio: «Quem de vós me acusará de pecado?» A juventude, sempre inconformada com convenções e preconceitos, encontra na pessoa do Mestre divino a realização de seu sonho: desdobrar as capacidades, o dinamismo em favor de uma causa autêntica e duradoura.

A doutrina de Jesus apóia tal atitude constante. Foi no seio da juventude que o existencialismo celebrou os triunfos mais caros em nossos dias. «A angústia é a condição fundamental da existência humana», afirmou Heidegger, um dos maiores corifeus da corrente filosófica existencialista. O homem «lançado para dentro do mundo» sente quanto êste lhe é hostil, quanto é ameaçador e injusto. Em momentos de depressão, o jovem se reconhece como vítima e engrossa não raro as fileiras dos que desistem da existência. Segundo estatísticas, publicadas em *Votre Santé*, n° 95, 1951, de quinhentos parisienses anualmente um se suicida. Nestas horas de crise, o ensino católico lembra-

rá ao educando a doutrina de Jesus: E' Deus, plenitude do ser, que nos fêz partícipes de seu ser. Existimos porque um Pai, extremamente bondoso e rico, nos quis fazer herdeiros de Sua riqueza. Mesmo em horas de crise geral, êste Pai não permitirá que aranquem um só de nossos cabelos, sem Sua permissão e sem que seja para o nosso bem. Verdade é que deixará encapelarem-se as ondas do mar, para enrijarmos nossos músculos no manejo dos remos. E' possível ainda que Jesus faça semblante de dormir na barca de nossa existência. Mas se na hora suprema se nos escapar da mão o remo ou êste se quebrar pela nossa inabilidade, sempre nos resta o recurso seguro de dominarmos o estrondo das ondas por um grito de socorro: «Senhor, ajudai-nos porque perecemos». Como não se dilata o peito do jovem, ao contemplar o poder do amigo Jesus que avança para a proa do navio e comanda aos mares e à tempestade.

Ninguém é tão avêso a cálculos como a criança e o jovem. E porque não calcula tem de confiar na Providência, tem de aprender a rezar. Mas não se reza de maneira abstrata e sim em favor de um reino que abarque céu e terra, em favor de um pão para o espírito e o corpo, em favor da paz e do perdão, contra a tentação e o mal. Uma escola que não se preocupasse de ensinar a rezar, demonstraria que não conhece a aventura humana e o desequilíbrio das forças numa luta intermina.

A missão das escolas católicas é a de propor os nobres ideais de Jesus e de garantir Sua presença ao lado de todo o educando.

A Dignidade Humana. No Brasil, tanto os que frequentam escolas católicas quanto os que não as frequentam foram quase todos batizados. Para uns significa o Batismo uma cerimônia social realizada sem a anuência deles ou mesmo à revelia; para outros é realidade nova, admissão numa sociedade que procura manter os ideais de Cristo.

Falando a algumas centenas de professores de ginásio, o autor destas linhas procurou concitá-los, certo dia, a serem amigos e conselheiros dos jovens na luta por uma atitude serena e digna diante das forças que convulsionam a vida dêles. Insistiu particularmente em esclarecer os educandos sobre o dinamismo sexual e sua finalidade, propondo condições em que este poder positivo e irreprimível se canalize para realizações úteis e satisfatórias. Quando terminou a exposição, aproximou-se do conferencista um jovem professor para dizer-lhe sem reboço: «Senhor professor, sem negar o valor de sua orientação, acho-a realmente incompleta. O jovem não terá a força de canalizar toda a sua potência sexual, o moço não renunciará ao ímpeto de desaforar-se na moça, nem esta ao desejo de ver-se acarinhada e possuída, se um e outro não tiverem um respeito profundo perante a sua grandeza e personalidade. Acho que deveríamos lembrar sempre de novo: quando o moço se encontra com a moça, ambos estão diante de um Deus que habita em seus corações, que acolhe e orienta todas as suas aspirações. Só podemos possuir o corpo de alguém, quando possuímos o seu espírito e dêste só nos amparamos de fato quando Deus no-lo entrega no sacramento da união matrimonial».

No dia seguinte, professores protestantes, espíritas, católicos e ateus — informaram-nos da presença de um budista — ouviram em suspenso a exposição destas idéias que todos os colégios católicos inculcam a seus educandos.

A dignidade humana é o ponto de partida e o ponto de chegada de toda verdadeira educação.

A Personalidade. Talvez não haja erro pedagógico mais desastroso que o desconhecimento da personalidade do educando. E nada mais anticristão.

A mãe que, no desejo frustrado de ter uma menina, educasse o rapaz em saia e cabelo comprido, a professora que se deliciassem na docilidade e suavidade da

criança e procurasse perpetuar essa imagem, cometem injustiça quicá irreparável. «Quando era criança falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança; quando cheguei a ser homem, deixei como inúteis as coisas de criança» (1 Cor 13, 12).

A educação católica terá sempre como norma realizar aquilo que os sacramentos significam. Chegada ao uso da razão a criança foi crismada. Traçou-lhe o bispo, com óleo de oliveira embalsamado, uma cruz na fronte. Começou a época, em que, com coragem e desembaraço, o educando procura adquirir sua personalidade própria. Na Cruz de Cristo há mil maneiras de descobrir o caminho, a verdade e a vida. Como desde esta época, todo educando responde a Deus pela própria consciência, todo educador se fará um dever de respeitar a consciência. Pela vida e doutrina, há de ajudar a formá-la, consciente no entanto de que a onipotência e a bondade divina não produz almas, nem propõe destinos em série. Cada uma delas recebe a missão de realizar em vida uma das infintas possibilidades que só Deus sabe idear.

Embora todos os ex-alunos levem pela vida em fora algum gesto, alguma palavra ou quicá a própria imagem do professor, êste só poderá ambicionar que seus pupilos atinjam a plenitude de sua personalidade em Cristo Jesus que é a imagem de Deus sôbre a terra.

A pedagogia moderna insiste, com razão, sôbre o método ativo: aprender, fabricando; aplicar conhecendo e conhecer aplicando.

A missão específica do cristão crismado é o apostolado. Êste começa por casa, criando por iniciativa de todos e de cada qual um ambiente de bem-estar e cooperação. Desde os primeiros contactos com o educador católico, a criança há de descobrir por intuição que o universalismo é uma característica de sua religião: nada do que é humano lhe poderá ficar alheio. A sociedade não será apenas o meio de expandir suas qualidades mas antes um organismo em que o educando

desempenhará uma função, sempre mais importante: servir é amar; e amar é expressão plena da vida.

A escola católica que tolerasse a passividade e inércia de seus educandos, que não prolongasse sua ação por sobre toda a vida social e individual, deveria comparar-se ao servo mau que recebeu um talento e foi enterrá-lo em vez de arrancar com esta fortuna outro tanto em benefício do Reino de Deus.

Equilíbrio e Paz. O homem aspira, com todas as veras do ser, ao «belo e bom», ideal proposto também pelos maiores filósofos. Na hora em que desaparecesse a última sensibilidade para o gesto nobre, na hora em que a abjeção total eliminasse de um ser a cintilação derradeira da beleza, nós exclamaríamos horrorizados: é um animal! Não há mesmo homem, por mais cínico que seja, que persevere no mal sem sentir certo desajustamento e depressão. E, desde que empreenda um esforço de recuperação, Jesus, o divino pedagogo, não deixará apagar-se a chamazinha da esperança.

Ao longo do curso, em colégios católicos, recordar-se-á ao educando que examine todas as noites as ações do dia e que não se deite sem haver-se reconciliado no íntimo com seu Deus, seus irmãos, consigo mesmo. A sinceridade diante de si há de ser desta maneira a base da harmonia com o próprio mundo.

O bom propósito não será um conselho insuflado, mas uma decorrência da confiança em Deus e no caráter que lentamente se enrija na luta pelo bem.

Para o educando, sempre à procura de um confidente, abre-se afinal pela confissão uma possibilidade de patentear seus remorsos e suas faltas a alguém que acolhe o penitente em nome de Jesus e só com Ele reparte o segredo. Tão diversa é da psicanálise a confissão; no entanto, traz o alívio que aquela tantas vezes promete. Por quê? Porque o equilíbrio vem do perdão divino e da sua confirmação por uma autoridade, como também da satisfação que, unidos a Cristo, prestamos pela culpa.

O sacramento da confissão, na educação católica, não é válvula de escape, mas, quando bem preparado e atingido em sua profundidade divina, fonte de paz. Foi assim que Cristo o caracterizou no dia da Ressurreição. Foi um presente de Amigo para amigos.

Plenitude e Ação. A pedra de toque de toda educação católica é a vida eucarística. O educandário que conseguisse o mais elevado padrão científico unido à frequência espontânea e ardorosa à santa missa e à comunhão, teria levantado as pilastras inconcussas da vida social e familiar. Mas o que vale custa.

Quando a massa judaica parecia render-se ao portentoso Mestre Jesus, após a multiplicação dos pães, Êste colocou-a diante da suprema exigência: «Trabalhai não por uma comida perecível mas pelo alimento que permanece na vida eterna, aquele que vos dá o Filho do Homem... Eu sou o pão da vida; quem se achega a mim jamais terá fome... êste pão é o que desce do céu para que não morra quem o come. Sou o pão vivo descido do céu. Quem comer dêste pão viverá para sempre. E o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo» (Jo 6, 27 ss).

Cristo polarizou sobre a Eucaristia as exigências mais imperiosas da natureza. Orientadas essas, o homem se entregará sem reservas à sua missão específica.

Primeiro, a fome. Em nome dela, proclamam-se as reformas econômicas e sociais; por causa dela, desenvolvem-se as mais requintadas indústrias. Na vida da esposa carinhosa e da mãe solícita, o preparo da comida se transfigura em expressão de amor; nos cálculos dos donos de hotéis de luxo, confeitarias e demais indústrias de alimentação refinada, a comida tem de valer como substitutivo para quase todos os ideais da vida.

E na pedagogia de Cristo? Eucaristia é alimento verdadeiro. Mas decepçiona a partir do paladar, porque não foi feito para o corpo. No entanto, Cristo insiste em ficar presente dentro do corpo — presença

eucarística, — enquanto o pão eucarístico tiver forma de alimento. Como toda a nutrição deve fazer do corpo um instrumento mais apto para a alma, assim a Eucaristia, entrando em forma de manjar, atinge logo a alma, transformando-a em Cristo. A exigência da fé de aceitar a presença do Deus-Homem sob as aparências do pão é ao mesmo tempo a lição pedagógica mais fundamental sobre a orientação da comida para as reais necessidades do corpo e sobre a orientação do corpo para os serviços reais da alma. A Eucaristia é também sob este aspecto a súplica de todos os objetivos da educação cristã: proporcionar o desdobramento total das capacidades humanas pela união com Deus.

Em segundo lugar, a comunhão dará ao educando a lição fundamental sobre o amor. Este requer presença e aproximação psicofísica. Desde a palavra amorosa que identifica as inteligências e une os corações até ao abraço de amigos ou à entrega total na união do matrimônio, o amor inquieta as últimas fibras do ser. Quando esgotou os recursos todos da expressão física e intelectual ainda deixa uma inquietação profunda. Quanto mais se alastra o fogo mais lenha consome. Jesus, em sua pedagogia divino-humana, prometeu a presença junto ao educando. Quando a criança tiver suficiente compreensão para um amor, mesmo em forma infantil, lembra a Igreja aos pais e professores o dever de convidarem os educandos para a comunhão freqüente, para despertar novo amor e nova união que supere toda expressão física e psíquica, até chegar a uma troca de vida: Eu vivo n'Ele e Ele vive em mim! E' a realização dos anelos supremos de todos os amôres da terra, permitir que o amado troque a vida com o que ama. Jesus promete realizar tal anseio.

Os jovens, ao compreenderem esta verdade, na época dos grandes entusiasmos, são capazes de elevar-se a uma verdadeira mística em torno da Eucaristia.

Donde então a frieza da maioria, mesmo em insti-

tutos católicos, se êstes apresentam, como finalidade última, preparar os educandos para a união 'com Deus?

Não se pode aplicar medidas puramente terrenas para operações sobrenaturais. Amor significa, para quase todos os afeiçoados ao cinema e à vida social, comoção sexual ou no mínimo enleio sensual. É raro que Cristo produza uma vibração que percorra o corpo e incendeie o entusiasmo. Seria um efeito desprezível diante da grande realidade que a Fé nos apresenta. Normalmente, Ele convida a alma ao silêncio, para as trocas sinceras do amor ou para a atividade caritativa abnegada, onde Jesus e o comungante serão um e mesmo portador da Boa Nova. Uma comunhão autêntica, em que o aluno, pela fé e entrega total a Nosso Senhor, deixou Cristo Eucarístico tocar-lhe as primícias do espírito e do amor, é capaz de marcar a vida inteira.

Mas, como para a conquista do pão material o agricultor jamais descansa, assim para a conquista do pão eucarístico o «animicultor» — o educador católico — tem de renovar a sementeira. A doutrina da primeira comunhão não basta. Novas instruções, novas leituras, oração progressiva, apostolado em nome de Cristo, serão outros tantos atos de amor que permitirão a troca com o supremo Amor: «Cristo vive em mim e eu n'Ele».

Enquanto há educandários que desistem da educação pela missa e para a missa, outros há que se integram no movimento litúrgico. Em pequenos círculos, ativados por dirigentes da JEC ou pela Legião de Maria, estudam os textos litúrgicos à base dos documentos pontifícios e dos belos estudos de autores espanhóis, franceses, italianos e alemães. Até da América do Norte nos vem boa literatura para tal formação, centralizada sobre a santa missa.

Instrução, porém, ainda não é sinônimo perfeito de educação. Uma dupla atitude há de caracterizar os jovens que viverão da missa: primeiro, a aceitação de

Jesus como Ministro principal do sacrifício, como no-lo propõe a fé: rezar com êle ao pé do Altar; ouvi-lo pelas lições; levantar com êle os olhos e o coração no Ofertório; ir-lhe ao encontro com tôda a Igreja no Cânon; oferecê-lo ao Pai na Consagração; oferecê-lo em seu corpo místico no *Per ipsum*; preparar-lhe a mesa eucarística a partir do Pai-Nosso; renovar o pacto de Amor na Comunhão; organizar as tarefas e as disposições do dia com Êle... afinal, identificar-se com Cristo de maneira sempre nova e original.

A segunda atitude é social. O educando percebe que vive pela sociedade, sem nada sacrificar de sua responsabilidade pessoal. Faz parte do Corpo Místico de Cristo, a que pertence sua mãe e professôra, como também o último católico africano; a que pertencem as almas do purgatório; a que pertencem os santos; S. Teresinha, S. Antônio, os Arcanjos hábeis na luta com os diabos, como S. Rafael e S. Miguel, e o próprio anjo da guarda. Se no início a idéia da comunhão dos santos só aflora à mente da criança quando ela pede favores do céu para os entes queridos, aos poucos lembrar-se-á de agradecer em nome de todos, de reconhecer o poder e a vontade de Deus (=adoração), de implorar o perdão pelas más ações de irmãos em Jesus.

Há poucos dias, uma jecista nos afirmou que chegou à convicção absoluta de que não há apostolado sem vida eucarística, sem amor ao Cristo Sumo-sacerdote e Medianeiro. Poderíamos acrescentar ainda: sem Comunhão e Santa Missa não há nem mesmo educação católica. Só é católico quem admite a presença contínua de Cristo junto a seus fiéis: «Eu estarei convosco até a consumação dos séculos».

As grandes tarefas sociais. Tanto falamos em educação social, que chegamos a ser socialistas. Quer dizer, transferimos as obrigações e os direitos da pessoa para as sociedades existentes. Com isso, nos tornamos passivos e comodistas ou, no mínimo, estagna-

mos. Até acontece que essas sociedades, não excluindo o Estado, permitam que certos indivíduos e grupos lhes imponham a ideologia. E aí temos o monstro: uma sociedade com enorme massa de corpos e com a alma de um ou poucos indivíduos. E' a concretização do monstro legendário: um corpo constituído de pesada massa e umas cabecinhas peçonhentas. E quanto veneno destilam essas cabecinhas para dentro da massa e em torno dela vimo-lo pelos totalitarismos modernos, tanto da direita quanto da esquerda, «chifres do mesmo demônio».

A educação social cristã se processa reforçando a responsabilidade individual e subindo dos núcleos primitivos até a grande sociedade da nação e da humanidade.

Primeiro, a educação do indivíduo, para que êsse assum a responsabilidade por seus atos e desempenhe a função de um membro sadio dentro de um corpo. Depois a Família. A escola católica reforça o vínculo do educando com a Família, porque considera-se a delegada desta. Nossa concepção, porém, não restringe a missão da escola a ponto de considerá-la como um reflexo da família. Nem sempre esta é tão luminosa, que seja capaz de iluminar também a escola. Antes quer a educação católica acender novos fachos que iluminem e orientem a própria Família.

Como já queria Fénelon, a educação católica deverá formar boas mães e bons pais de Família, como também homens aparelhados para as missões concretas da vida. Desde a primeira idade, a escola terá de apetrechar os educandos, para que possam defender o patrimônio material e cultural que servirá à expansão de sua futura família.

Quando um dia a nova legislação brasileira do ensino permitir aos educandários católicos a elaboração de parte do programa, êles hão de teimar em transmitir não só o fundo comum de cultura, mas também uma formação específica e um sistema de vida. Penso.

por exemplo, nas habilidades femininas de criar um ambiente caseiro, com alegrias e diversões, cozinha e quartos bem acomodados, onde, sem grandes recursos e suntuosidade, a vida possa ser um espelho da união e paz que reina no seio da SS. Trindade e que reinou na casa de Nazaré.

Nos anos de ginásio e colégio, a profissão futura não pode ser encarada unicamente em seu aspecto técnico e material. A orientação profissional, ainda incipiente em nosso meio, deverá ser ministrada pela tríade inseparável: o jovem que escolhe, os pais que prevêem e calculam, e o colégio que informa e, às vezes, em casos de divergência, equilibra e harmoniza. Mas há sobretudo o lado social por excelência que forma o painel de fundo na retina do bom educador: a futura Família. O coração da mãe, sequiosa de entrega, fará aos poucos a seleção do ouro e da ganga. Pela história e literatura, pela arte e estética, e ainda particularmente pelas atividades sociais e a prática religiosa, descobrirá o valor da ordem e o preço do sacrifício. O jovem belicoso e exigente, conquistador e fanático, agressivo e destruidor, começa por exercitar as forças físicas, intelectuais e morais, até que descubra que aquele a quem considerava o maior aliado, na realidade, é seu inimigo: o egoísmo. Quando afinal os ideais supremos do Bem e da Verdade tiverem construído nos corações jovens a morada ao abrigo deste inimigo, a esposa aí pode entrar, pois Deus a acompanha e Deus a recebe.

Acontecerá igualmente que os educandos, ao contacto dos grandes ideais de Cristo, sintam que vale a pena canalizar para eles todo o caudal de forças e energias da jovem existência. Consagrando a Cristo sua vida dedicam-se às escolas, hospitais, missões e obras de caridade e sentem a verdade, expressa pelo Apóstolo: «O casado deverá cuidar das coisas do mundo de como agradar a sua mulher e assim está dividido». A mulher não casada e a virgem só têm de se preocupa

com as coisas do Senhor, com ser santa em corpo e espírito» (1 Cor 7, 34). A máquina, feita de uma única peça, não se desgasta pela trepidação.

Como «muitos são chamados e poucos os escolhidos» seria vantajoso que os colégios católicos, desde os primeiros anos, apresentassem também a vida sacerdotal e religiosa como uma realização cabal da existência, como um desdobramento completo das forças físicas, intelectuais e morais, a serviço de Deus e da humanidade.

Pais muito agarrados aos filhos, sobretudo quando êstes são pouco numerosos, temem a vocação religiosa, despertada pelos mestres religiosos. E' compreensível, porque ainda não experimentaram o desmentido daquela mãe de duas filhas, ao desafogar-se com a mais nova: quando sua irmã se casou, meu coração me parecia renascer em cada neto. Hoje, evitam a velha que ainda chamam de vovó, enquanto de Você e de seus alunos continuo sendo mãe. Ambos os estados são bons e excelentes, mas é S. Paulo que nos diz: «quem dá em casamento a virgem faz bem e quem não a dá em casamento procede melhor» (1 Cor 7, 38). E' aliás o distintivo de quem se colocou nas mãos da Providência divina, não regatear com Deus o preço de um filho. Que êste O sirva na condição, em que mais amplamente puder desdobrar suas capacidades.

III. CRISES MODERNAS E A EDUCAÇÃO CATÓLICA

1. Imoralidade

O célebre relatório Kinsey (1947) surpreendeu o mundo com dados referentes ao comportamento sexual do homem (sexual behavior in the human male), e o comportamento sexual da mulher (sexual behavior in the human female). O dossier que Kinsey afirma ter analisado se compunha de 16.000 respostas de homens e de 5.940 respostas de senhoras, sobre a masturbação, poluções, relações heterossexuais, homossexuais e mesmo com animais. Os sociólogos, antropólogos, psicólogos e estatistas americanos que colaboraram com Kinsey pretendem não julgar, mas acabam lançando um veredito tremendo contra a cultura ocidental moderna: «Pelos dados que possuímos, pode-se afirmar que 95% ao menos dentre os jovens poderiam ser condenados por violação das leis sexuais, se os funcionários encarregados de as aplicar fôsem tão enérgicos quanto parecem».

As mulheres americanas, justamente indignadas com as revelações de Kinsey a respeito dos homens, não foram menos atingidas pelas cifras. Se as relações pré-conjugais desceram de 95% entre homens para 50% entre mulheres, duas moças entre 5 fariam experiências do ato sexual antes dos 15 anos e, na idade dos 20 anos, a percentagem subiria a 91.

Diante de tais resultados, psicólogos e sociólogos sem Deus apelavam para uma modificação das leis. Mas

o que valem as leis se não existem os costumes, diz o ditado latino.

Mesmo se tal relatório fôsse verdadeiro, admitindo mesmo que fôsse universal, a Igreja Católica não recusaria de um milímetro suas exigências e continuaria a confiar nos meios que Cristo nos deu, para salvarmos os jovens e os homens que aceitam sua pedagogia.

Se o mandamento escrito sobre pedra parece assumir a forma negativa: «Não pecarás contra a castidade», Cristo também o anunciou em forma positiva, como fundamento de todo o Seu Reino: «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o próximo como a ti mesmo» (Mt 22, 38 s).

Este é o maior mandamento que inclui ao mesmo tempo a solução para a crise sexual e afetiva do mundo moderno: canalizar todas as potências para as obras de Deus e da Humanidade e não apenas para o egoísmo. A tendência hedonística profunda, que não permite ao homem renunciar à própria felicidade, deverá ser orientada pela educação cristã para o serviço de Deus e do próximo: Quem perde a sua alma, encontrá-la-á, diz Jesus.

2. Desonestidade

Desde o homem que vi nestes dias ajuntar no ônibus uma nota que o passageiro apressado deixara cair e embolsá-la com um gesto com que não se embolsa coisa própria, até aos falsificadores de injeções de que dependem vidas inocentes, a onda de desonestidade avassala a nossa Pátria.

Há os roubos clássicos e os brutais, há as manobras escusas e as percentagens daqueles «que não são burros», para não aproveitar. Se a situação se agravar neste ritmo, teremos ainda a coragem — daqui a vinte anos — de dizermos que somos brasileiros?

E sabem o que dói? Mães ajudando os filhos a preparar a «cola», para que roubem uma nota «decente». Não sabem elas que os mesmos filhos, daqui a pouco, não só lhes assaltarão o cofre, mas a própria honra?

Só nos resta uma confiança. E' a religião. A criança sabe que Deus não perdoa o roubo. «A cada um o seu» — definição de justiça — valerá mesmo no dia do Juízo Final. A voz da consciência há de bradar sempre a quem roubou ou enganou: restitua. E se o educando, no esforço de tranqüilização, tudo confessasse ao representante de Jesus, no tribunal da penitência, êste lhe responderia: Só receberás o perdão, se restituíres.

Mas a educação, em colégio cristão, não poderá contentar-se com a repressão. E' preciso penetrar no âmago do problema. A criança rica saberá que o homem não é dono absoluto da riqueza; não possui direito absoluto, porque é administrador dos bens que, em última análise, pertencem ao Criador. Não possui por isso o direito de esbanjar o que lhe sobra, o supérfluo: deverá distribuí-lo aos pobres e ganhar com sua generosidade os amigos do céu. Se o não fizer, crescerá como um camelo. E, na hora de passar pelo orifício de uma agulha, verificará quanto lhe estorvam as banhas e a própria giba. — Os pobres serão levados, com mansidão, a descobrir que o desejo de enriquecer é tão perigoso quanto a própria riqueza. Deus não quer a miséria; Jesus teve pena dela e suprimiu-a ao longo de sua caminhada; a dignidade humana exige um mínimo de bem-estar. Apesar disso, «haverá sempre pobres entre nós». Afinal, serão os coxos e tristes, os trabalhadores probos, que um dia rivalizarão com os anjos em riqueza.

Que escola ousará ensinar tais verdades, sem apelar para o testemunho de Jesus?

3. Anarquia

Quem de nós gostaria de estar na situação daquela mãe que, nestes dias e no lugar onde escrevo estas linhas, no interior do Brasil, recebeu a visita da poli-

cia, acusando-a de que seu filho menor causara prejuízo de 150 contos, assaltara com outros rapazes um pobre colono, lhe quebrara a bicicleta, despojando o pobre homem e maltratando-o?

Quem, por outro lado, não teria pena da jovem que, dia por dia, vê seus pais darem ordens por simples capricho, a si próprios não negando nenhum prazer, e aos filhos — apesar de tudo, de boa índole — não ajudando no mínimo a encontrar sua posição na vida? Sentem quem sabe os filhos que estão internados, para desembaraçarem o caminho do gôzo àqueles que os geraram.

«Tôda a autoridade legítimamente constituída vem de Deus». Com isso a Igreja adverte os pais a não mandarem, sem estarem obedecendo à voz de Deus. As escolas católicas, no período histórico caracterizado pelo totalitarismo extremado e pela democracia anarquizada, hão de repetir incessantemente que tôda autoridade visa um fim superior, visa uma ordem. E a ordem se define como «a boa disposição das coisas em vista de um fim».

Deus, pai de tudo o que existe, chamou o homem e a mulher, para que participassem de seu poder criador. Como Ele, Deus, tudo criou por amor, infundiu na própria fonte da vida tanto amor, que o sacrifício da formação e educação da prole pode afigurar-se leve. Para não desviar a autoridade amorosa para fins egoístas, Deus continua a lembrar que, em última análise, é ele o Pai da matéria e o único Pai da alma. Será preciso ainda lembrar que só ao quarto mandamento do decálogo Deus ajuntou uma promessa imediata? «Honra teu pai e tua mãe, para teres longa vida sobre a terra que Javé, teu Deus, te dará» (Êx 20, 12).

As escolas católicas defendem a tese de que elas sejam o prolongamento do lar, antes de serem o instrumento da sociedade. Daí o cuidado de não criarem conflitos de autoridade paterna ou materna. Traço por traço, desde o jardim da infância, a professôra deverá

pintar a imagem dos pais em côres inesquecíveis, no coração das crianças. E quando estas lhe levam as confidências dos primeiros conflitos, quantas vezes, sem que isso jamais se revele sôbre a terra, o professor ou a professora desfaz os pequenos equívocos e ensina a arte de diminuir ou dirimir o nervosismo caseiro. E, quando já não há solução, paira, por cima de tôda a tragédia, a Cruz e o olhar acolhedor do Pai do céu.

Mas, então, por que também de colégios católicos podem surgir os *play-boys*? Nem sempre os pais são culpados, nem sempre os colégios são responsáveis. Quando a peste é geral, quando os germes se transmitem pelo ar e pela luz — rádio e cinema, televisão — todo o organismo se vê exposto.

Mas resta-nos uma garantia. Como o sacrifício autêntico do amor materno acaba triunfando sôbre o coração mais empedernido — não foi o que se deu com S. Mônica em relação a S. Agostinho? — assim também as normas e o exemplo viril dos professores virão à tona, quando tôda a água parecer turva. «Na vossa paciência possuireis vossas almas», garante-nos o Divino Mestre.

IV. CRIANÇAS CATÓLICAS QUE NÃO FREQUENTAM ESCOLAS CATÓLICAS

O divino Mestre passou a maior parte de sua vida pública ensinando. A Igreja, em tôdas as partes do mundo, se apresenta como Mãe e Mestra. Desde que se infiltrou o espírito indiferente ou mesmo ateu nas escolas públicas, ela incentivou os melhores de seus filhos e filhas a assumirem, como tarefa especial, o ensino católico em todos os ramos. Daí tantas Congregações religiosas modernas, dedicadas quase exclusivamente ao ensino.

Poderia um católico, no mundo descristianizado de hoje, ignorar as escolas e enviar seus filhos, sem mais, a institutos alheios às nossas sagradas crenças? Poderia um católico continuar a desprestigiar suas escolas com críticas ou preterição por causa de certas coisinhas que lhe não agradam pessoalmente e dar preferência a uma escola que peca no essencial, omitindo-se em relação a Deus? Não.

Se no entanto acontecesse que por motivos imperiosos, distâncias, custo do ensino, falta de vaga em estabelecimentos católicos, os filhos de católicos tivessem de freqüentar estabelecimentos públicos ou não católicos, quais seriam as obrigações dos pais?

1. Aconselhar-se

Não dar por resolvida a questão, antes de entender-se com a autoridade eclesiástica. Se não fôr fácil encontrar o Vigário, sempre haverá possibilidade de pe-

dir informações e orientação a outro Padre conhecido. Por que isso?

Os pais não se podem considerar os únicos responsáveis pela sorte dos filhos. Desde que os fizeram batizar, aceitaram para eles a Igreja Católica, como Mãe. «Não pode considerar Deus como pai quem não aceita a Igreja por Mãe», é uma tese que os cristãos vêm repetindo desde os primeiros séculos. Como a escola forma ou corrompe sobretudo a alma, é claro que os representantes de nossa Mãe Igreja nos deverão aconselhar num assunto que é também de sua alçada.

Muitas vezes aliás acontecerá que nossas escolas gratuitas terão mais um lugar, outras vezes, quem sabe, as escolas pagas concederão o necessário abatimento. Talvez se possa mesmo providenciar auxílios financeiros. E, esperamos firmemente, que, com a promulgação da nova lei de ensino, todos os pais necessitados recebam bôlsas para os filhos e possam escolher a escola segundo os ditames da consciência.

2. Frequência às Aulas de Religião

Caso seu filho frequente escola não católica, no ato da matrícula deverá pedir ao secretário do instituto que o inscreva no curso de religião católica. A Constituição Brasileira, Artigo 168, V, faculta a todos os alunos a instrução religiosa, segundo a indicação dos pais.

Logo nas primeiras semanas de aula, queiram eles informar-se sobre o professor ou a professora de religião, repetindo e preparando junto com o filho a matéria principal do ensino.

Se em sua paróquia ainda houver aulas avulsas de religião ou instrução dominical, não só levem os filhos para a preparação da primeira comunhão, mas ensinem-lhes a participar de todo o movimento religioso. Seria pouco, se disséssemos que tais educandos precisam mais

da assistência de Deus do que as crianças amparadas pela escola católica.

A oração deverá ser encarada como questão decisiva, particularmente em tais circunstâncias: os pais ensinar-lhes-ão a entreter-se com Deus, como Pai, Amigo e Juiz de tôdas as ações. Para que da mensagem de Jesus os filhos adquiram uma compreensão vital, os pais serão coadjuvados pela leitura das belas revistas e dos livros ilustrados de orientação católica. Não é luxo, mas dever dos pais e dos filhos. Os cruzeirinhos, gastos nesta formação, economizarão muito dinheiro e pouparão amarguras, preparadas por uma juventude leviana. Seria ainda preciso lembrar aos pais, que não basta mandar fazer nem dizer que se faça? Mas ir fazendo, junto com os filhos?

Em certos períodos, a mãe terá mais ascendência; em outros, o pai é o companheiro e conselheiro ideal; em dados momentos, os irmãos mais velhos e certos amigos resolverão os problemas. Contanto que todos sintam, saibam e digam: em nossa casa, Deus não é mendigo; Ele manda e ajuda a realizar.

3. Ação Católica

Em muitas escolas, funcionam movimentos juvenis. Seus filhos talvez já tenham descoberto a J.E.C., o movimento da Ação Católica para a classe estudantil. E' obrigação incentivá-lo. Quem trabalha por Cristo entre os colegas defende-O também no íntimo do coração.

Não receiem os pais que tal movimento de Ação Católica venha a prejudicar os estudos. Pelo contrário, quando bem dirigido, êle ensina a valorizar o tempo, a cumprir com o dever, a trabalhar em equipe, a ocupar a posição de líder em todos os setores.

Nos últimos tempos, a Legião de Maria tem operado verdadeiras transformações em ambientes colegiais.

- A prestação de contas, o contrôlle, a orientação e o
- = estímulo direto, nas reuniões semanais, fazem dos sol-

dados da Legião de Maria autênticos caracteres, para enfrentarem as ondas de corrupção. Uma das formas mais eficientes do apostolado moderno. Ao ouvir um jovem legionário, nos lembramos instintivamente dos primeiros cristãos que se intitulavam a si próprios «milites Christi» (soldados de Cristo) e entendiam a linguagem guerreira de Jesus: espada, guerra, vigílias inimigo, reino e vitória.

Caso não existam tais movimentos nas escolas de seus filhos e não seja fácil criá-los, os pais hão de preocupar-se em inscrever os estudantes em certos movimentos da Igreja: cruzadinhos, juventude mariana, filhas de Maria. Numa época tão socializada, só nos defendemos quando bem acompanhados.

Talvez seja a hora de insistirmos junto aos filhos sobre a necessidade de acrisolarem uma das mais importantes características do adolescente: não parecer apenas, mas ser alguma coisa; não ostentar títulos e faixas, mas qualidades e realizações. Atividade e mais atividade, fundada em convicções e na confiança em Deus.

4. Transferência para Escolas Católicas

Se fôr um dia possível transferir os filhos para boas escolas católicas, os pais hão de fazê-lo. E' evidentemente obrigação grave. A lei da Igreja prescreve com severidade: «Crianças católicas não freqüentem escolas acatólicas, neutras, mistas, a saber aquelas que estão abertas aos acatólicos» (*Direito Canônico*, 1374)

Não basta, porém, transferi-los, porque tôda a transferência é dolorosa, sobretudo a de um ambiente escolar para outro: novos professores e novos colegas, que nem sempre saberão sintonizar com os adventícios. Com uma palavrinha junto à professora, com uma amizade ou conversa entabulada, o ambiente parecerá menos estranho ao filho. Mesmo quando êste já se viu entrosado em novo sistema, contando aventuras e peripécias, não se dêem os pais por satisfeitos.

Afirmamos que a escola católica deve ser a prolongação da família, e os professores, os delegados dos pais. Toca a sua vez de prová-lo. Ou, sentir-se-iam os pais dispensados de falar com seus delegados? Quanta coisa a professora não observa! As mães estão convencidas de que conhecem os filhos em suas mínimas reações. De fato, eles são carne de sua carne. Mas possuem unhas próprias, pés e mãos, língua e cabeça que se exercitam não mais nas paredes, nos vasos, plantas, fogão e jardim, mas que encontram um exército de coleguinhas, com diferentes instintos e educação. A professora facilita a transição da família para a escola e observa igualmente que, na grande Família da escola, certas tendências se hipertrofiaram, enquanto outras se atrofiaram.

Ao longo dos anos de formação, os melhores conselheiros dos pais nem sempre serão as comadres. Os pais e professores deveriam conjugar esforços para lançar a ponte afetiva entre o lar e a escola. Por ela passariam os filhos com mais gosto e quiçá com mais desenvoltura. Não queremos estufas para nossas plantas vivas; não advogamos em favor de ambiente fechado. Aí se criariam muitos bacilos e quem sabe até pulgas. Queremos sol, vento, natureza e liberdade, mas sob as vistas de Deus e o controle de seus representantes.

5. Novas Escolas

A melhor organização é aquela que surge do ambiente, que corresponde a uma necessidade fundamental e é aperfeiçoada pela cooperação da maioria. Eis um princípio democrático. Eis também o início de quase todas as escolas católicas.

Os pais foram criando seus filhos, ensinando-lhes, como podiam, a boa educação, o respeito aos outros e a relação para com o Pai dos céus. Antes de os filhos atingirem a idade escolar, começavam a preocupar-se: como ensinar a ler, escrever, contar, orientar-

se, sem sofrer más influências? Não raro, nossos primeiros imigrantes, afastados dos centros, escolhiam um ou dois rapazes, custeavam-lhes os estudos; construíam então primitiva escola e para ela mandavam os filhos. A escola nascera do meio e por êle era amparada. Não sabiam êles que estavam pondo em prática um princípio, que entraria na *Declaração dos Direitos da Criança*, aprovada por 78 nações da Organização das Nações Unidas (nov. de 1959). As crianças iam crescendo «sob a proteção e responsabilidade de seus pais, sempre numa atmosfera de afeição e segurança moral e material». Nestas escolas, a criança se abria para as responsabilidades da vida, com a mesma espontaneidade e pujança, com que o botão se abre para o sol e para o olhar dos homens.

Também hoje, num Brasil trepidante e agitado por correntes, ninguém deverá deixar aos outros a responsabilidade única do ensino. Onde houver famílias católicas, elas deverão congregar-se para resolverem a segunda etapa de seu programa: educar os filhos que sob a bênção de Deus geraram e criaram.

A herança que deixamos à prole pode estar cercada de tôdas as garantias legais, enquanto ela fôr apenas material, estará exposta a bandidos e ladrões. Quanto mais interna ela fôr, quanto mais reforçar os laços que sobem do coração do filho ao do Criador, mais perene e mais valiosa a herança.

Não há poder algum que destrua o ensino católico, porque Jesus está conosco até o fim dos tempos. Mas, para que a escola católica seja a escola de seus filhos, é preciso que Você o queira e coopere.
